

BOURDIEU, Pierre; DARBEL, Alain. O amor pela arte: os museus de arte na Europa e seu público. Trad. Guilherme João de Freitas Ferreira. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Zouk, 2003, 243 p.

CLOVIS CARVALHO BRITO\*

Compreender a sistemática do paradoxo instituído entre bens artísticos que são acessíveis a todos e, simultaneamente, interditos à maioria das pessoas consiste em um dos profícuos campos temáticos da sociologia contemporânea. Nesse aspecto, os esforços tendem a questionar as condições sociais do acesso à prática cultural ocasionadoras de um mecanismo óbice à apropriação, desmistificando as vertentes instituidoras da cultura como privilégio natural.

No âmbito da discussão sobre a apropriação cultural, os pensadores têm apresentado, exaustivamente, a necessidade de uma publicização das condições de acesso às ações cultivadas, construída mediante um processo denominado educação patrimonial. Percebe-se, nas análises de forma geral, que a frequência aos museus de arte aumenta consideravelmente à medida que cresce o nível de instrução.

O amor pela arte: os museus de arte na Europa e seu público permanece atual, considerando que os conceitos e estruturas vislumbradas à época de sua publicação original em 1966 não foram superados e, por conseguinte, se adaptam oportunamente à realidade das condições de prática cultural dos brasileiros relacionadas aos museus de arte. Observa-se, assim, como característica relevante, a constante preocupação em apresentar respostas sociológicas pautadas em rigorosas pesquisas bibliográficas e empíricas dirigidas por Pierre Bourdieu na realização de abordagens em

diferentes museus, na formação dos entrevistadores e na codificação e aplicação dos resultados; com a colaboração de Alain Darbel na construção do plano de sondagens e na elaboração do modelo destinado à análise da frequência do público aos museus.

Buscando a promoção de uma homogeneidade formal dos códigos, com vistas à garantia da comparabilidade dos resultados, os autores desenvolveram procedimentos uniformes nas distintas fases da pesquisa e nos cinco países estudados (Espanha, França, Grécia, Holanda e Polônia). O trabalho é desenvolvido em três partes respectivamente: a) análise empírica das relações instituídas entre a frequência aos museus e as variadas características econômicas, sociais e escolares dos visitantes na apresentação dos fatores favorecedores da frequência, sua importância e a estrutura que os unem; b) identificação da gênese e da estrutura das disposições em relação às obras culturais, e c) promoção de uma generalização do sistema de causas e razões.

Por todo o livro, comprovações e hipóteses estimulantes são desenvolvidas na demonstração das interações entre teoria e empiricidade, a exemplo de ser o público dos museus europeus relativamente jovem e a observância do aumento contínuo da idade média dos visitantes à medida que se sobe na hierarquia social. Além disso, percebem fatores implícitos condicionadores, como na análise do nível cultural de aspiração: "sabendo que o visitante modal dos museus possui o vestibular, não teremos bons motivos para supor que a pretensão a esse nível de

\* Mestrando em Sociologia pela UFG. E-mail: clovisbritto@bol.com.br

instrução contribui, em parte, para suscitar naqueles que não o têm uma 'prática de quem possui tal diploma'?" (p. 39).

Todavia os autores alertam ser o diploma um indicador grosseiro de nível cultural, podendo-se pressupor diferenças que separam os visitantes de um mesmo nível de escolaridade, conforme características secundárias.

Outra observação consiste na associação existente entre o turismo e o nível de instrução por intermédio da renda que assume característica de norma difusa, como prática obrigatória "invocada por aqueles que têm ambições culturais mais consistentes, ou seja, aqueles que pertencem ou aspiram a fazer parte do mundo culto" (p. 52).

Nesse sentido, o paradoxo entre a teoria da acessibilidade dos museus e a observância de uma minoria detentora da possibilidade real dessa concretização conflui ao raciocínio de que a falta da prática é acompanhada pela ausência do sentimento dessa privação. Assim, a obra de arte como bem simbólico "não existe como tal a não ser para quem detenha os meios de apropriar-se dela, ou seja, decifrá-la" (p. 71).

Ao apresentar a necessidade da instituição de leis promotoras de uma difusão cultural, a

epígrafe de Leibniz consegue resumir um dos caminhos indicados à democratização do acesso: "a educação consegue tudo: faz dançar os ursos".

Na conclusão, os autores antecipam a possibilidade de estranhamento a respeito do esforço despendido no livro para a enunciação de algumas verdades aparentemente evidentes. Todavia, observam que "à semelhança de qualquer amor, o amor pela arte sofre repugnância em reconhecer suas origens e, relativamente às condições e condicionamentos comuns, prefere, feitas as contas, os acasos singulares que se deixam sempre interpretar como predeterminação" (p. 163).

Cabe, por fim, mencionar o consistente aparato empírico-metodológico pioneiro nessa temática, e ousado por comparar divergentes públicos e países, além da acessibilidade da linguagem que, deliberadamente, por vezes poética, mas sem a despreocupação científica, destoa das demais obras de Bourdieu, demonstrando a real possibilidade de democratização da arte e contribuindo para pesquisas comparativas e multidisciplinares.

RECEBIDO EM JULHO DE 2004  
APROVADO EM SETEMBRO DE 2004